

Este capítulo se dedica a analisar uma categoria de joia bastante específica, que surge em um contexto diferente das que são produzidas pela indústria ou pelo paradigma do design, tendo emergido aliada ao processo de criação da arte contemporânea, como o próprio nome já revela - a joalheria contemporânea. Desse modo, traz uma breve contextualização sobre esse campo, para que se compreenda de forma mais ampla como ele nasce, quais as suas características e de que maneira ele chega ao Cariri cearense. Na sequência, é observada a trajetória do coletivo de joalheiros Metal Fóssil, um dos grupos protagonistas do movimento de diferenciação estética e criativa aqui tratado, composto por alguns egressos da graduação em design da Universidade Federal do Cariri (UFCA), cujos trabalhos serão aqui explorados e apresentados.⁰¹

.....
01 Parte dos dados empíricos e reflexões tecidas no presente trabalho se originaram da pesquisa para a dissertação de mestrado de Francisco Leonardo Ferreira Neto, *A joia e a arte: um estudo sobre a ourivesaria de Juazeiro do Norte*. UFPE, 2022, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Kátia Medeiros de Araújo e Coorientação da Prof.^a Ana Neuza Botelho Videla.

As informações relativas às produções do coletivo Metal Fóssil foram levantadas através de entrevistas a alguns dos autores, cujas falas seguem identificadas nas respectivas citações, bem como através dos releases de apresentação, fotografias de acervos pessoais dos criadores e divulgação digital da exposição Rastros Corporais, realizada na galeria “Sem Título Arte”, em Fortaleza, 2018, disponível em: <https://www.facebook.com/semtituloarte/photos/pb.100067448835257.-2207520000/2153371798246099/?type=3>. Acesso em 15 de março de 2022.

A PROPOSTA DE UM CAMPO EM EXPANSÃO

A joalheria contemporânea, ou joalheria artística/joalheria de arte, denominações que se equivalem, é uma vertente da joalheria na qual o foco da criação se encontra na ideia do autor e no processo em si, tanto quanto, ou até mais que no resultado final. Em sua breve história, de um pouco mais de sessenta anos, a joalheria contemporânea buscou problematizar os aspectos constitutivos do seu campo, trazendo conceitos a partir do envolvimento com a linguagem da joalheria, como luxo, preciosidade, materiais, técnicas, tipologia adotada e ornamentação. Para Mercaldi e Moura (2017), que escrevem a partir do ponto de vista da moda e do design, tal noção se estabelece por essa vertente se encontrar em um ponto de diálogo entre os campos do artesanato, design, arte e moda, tendo se tornado uma ação reflexiva de seu tempo que coloca o corpo em pauta, questionando seu pressuposto papel – de ser apenas um suporte – e refuta a ideia de joia como mero adorno, encarando-a como lugar problemático, aberto a uma gama de interferências e possibilidades.

Franco (2017) vai além e define a joalheria contemporânea como uma expressão inédita neste campo. Segundo a autora, nessa categoria as fronteiras entre os campos da arte e do design foram borradas; seus produtores se confundem e ora são designados como artistas, ora como designers. Mais ainda, houve uma ampliação da linguagem: “além de anéis, braceletes, contas, pedras etc.; utiliza-se também fotografia, instalação, performance, vídeo e tudo mais que

seja necessário à expressão das ideias. O que inclui a matéria-prima. A joia está liberta dos metais e das pedras” (p. 3).

Assim, a aproximação que se faz com as artes visuais se opera pela produção de trabalhos mais experimentais, os quais podem ter a intenção de problematizar a ornamentação corporal ou a linguagem da joalheria. Portanto, o que queremos aqui destacar por contemporâneo na joalheria faz referência à arte contemporânea.

Como afirma Campos (2012), a joalheria contemporânea

... se caracteriza pela discussão sobre processos e narrativas, intensa experimentação com materiais, desenvolvimento de habilidades técnicas tradicionais ou não, resistência cultural, presença no mercado global via internacionalização do circuito de comunicação, tudo isso sem um marco estilístico ou teórico definido, ainda tal qual a arte contemporânea. Esta joia se apresenta como arte em diálogo com o corpo, ficando num lugar entre a escultura, a instalação e a performance, sem abandonar totalmente seu caráter decorativo. (Campos, 2012, p. 72)

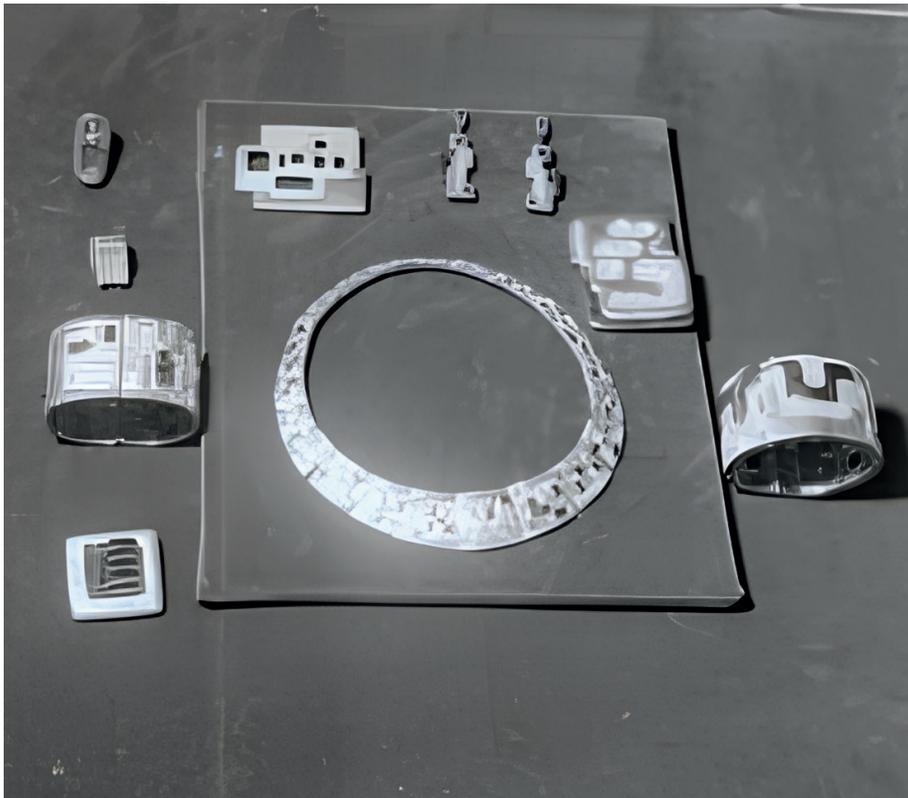
Dessa forma, a joalheria contemporânea subverte o conceito tradicional do valor econômico e financeiro, libertando as criações dos joalheiros para a expressão artística e a experimentação, em direção a uma relação mais profunda com a sociedade e para a construção de uma nova consciência de usuário e de corpo (Mercaldi; Moura, 2017).

Den Besten (2012) nos esclarece que esse campo nasce mais especificamente na Europa, por volta da década de 1960, a partir das gerações de joalheiros que precederam, viveram e/ou se sucederam à Segunda Guerra Mundial, e que, por isso, sofreram os impactos do conflito, formando grupos que buscavam romper com paradigmas tradicionais do campo da joalheria, por meio da exploração de metais não nobres e de outros materiais e técnicas inovadoras da indústria do período, como também os que se alinhavam ao pensamento artístico contemporâneo, ligado à arte conceitual e à *body art* da época, por exemplo.

Em relação ao Brasil, Grippa e Bosak (2018) analisam como as joias foram objetos que tiveram um período de destaque na Bienal

Internacional de São Paulo, fruto da movimentação dos próprios joalheiros/artistas, sendo exibidas em seis edições da mostra, entre as décadas de 1960 e 1970, ganhando júri e regulamento específico de participação, exclusivos para criadores brasileiros. Isso foi possível também, segundo as autoras, porque havia uma tendência internacional de outros espaços culturais, como o Museu de Arte Moderna (MOMA) de Nova York, em integrar as áreas do design, das artes plásticas e da moda. Porém, ao observarmos as joias brasileiras expostas nas Bienais de São Paulo (Figuras 1, 2 e 3), percebemos que elas ainda carregam o aspecto usual modernista do design. Em outras palavras, as formas não apresentam uma mudança radical para com as tipologias tradicionais, como a intenção que se pode observar, por exemplo, nas joias da série Configurations (2010), de Imme van der Haak (Figuras 4 a 6), as quais geram uma reflexão sobre a ideia do que é normal no corpo humano, visto que as peças desta série produzem uma desconfiguração do corpo do usuário, algumas vezes gerando limitações no próprio movimento.

Figuras 1 a 3 Joias expostas na Bienal de São Paulo. Fonte: Arquivo Histórico Wanda Severo. Fundação Bienal de São Paulo (2016).



Figuras 4 a 6 Joias da série Configurations (2010), de Imme van der Haak.
Fonte: site da autora.
Disponível em: <https://www.immevanderhaak.nl/Configurations>.
Acesso em: 17 mar. 2022.

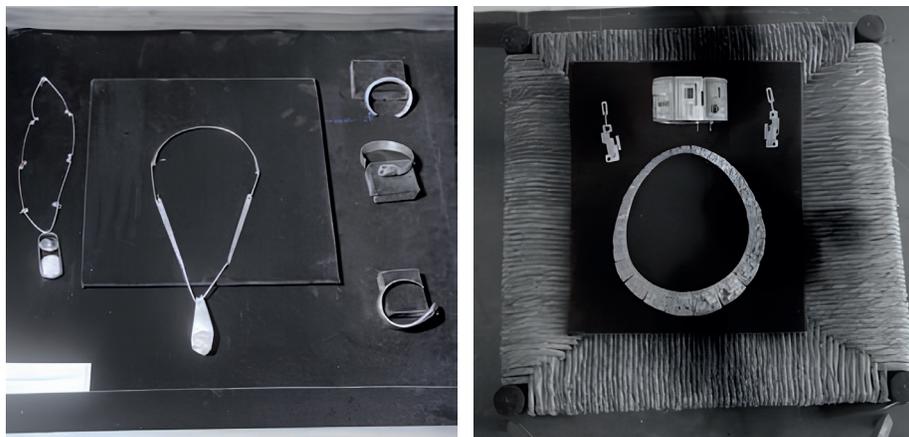
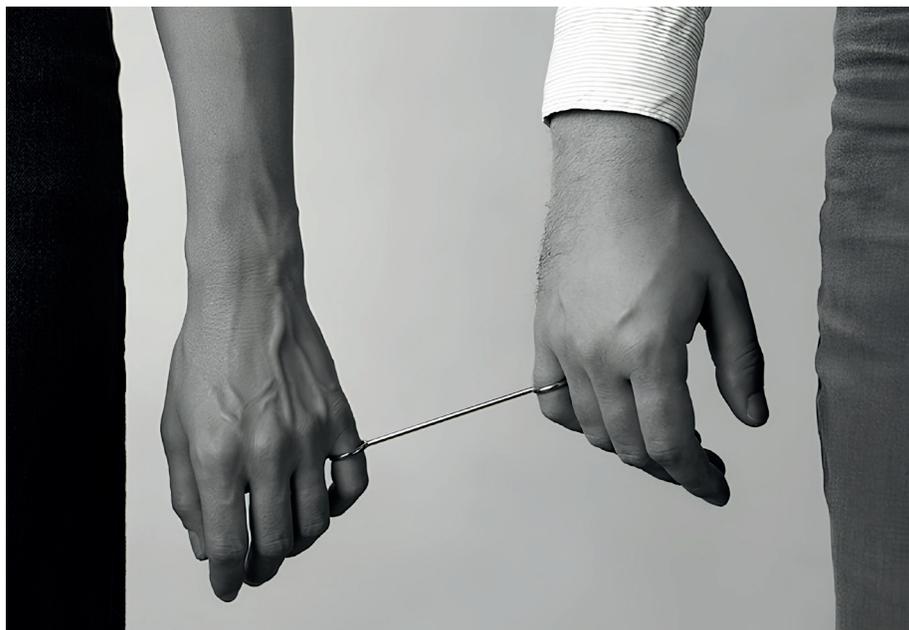


Figura 7 Otto Künzli, Anel para duas pessoas, aço inoxidável, 1980. Fonte: site Gallery Funaki.
Disponível em: <https://galleryfunaki.com.au/artists/otto-kunzli/>.
Acesso em: 15 mar. 2022.

Mercaldi e Moura (2017) afirmam que a assimilação da palavra “contemporâneo” indica também que esses objetos/joias possuem caráter de exploração criativa, assim como a arte, caracterizando um processo de construção experimental em termos de escolha de técnicas e materiais. Podemos complementar destacando que os autores veem a joia contemporânea não apenas em sua função de significar algo ou trazer um questionamento à tona, mas também como meio de criar interações entre as pessoas, fixando-se como uma maneira de pensar as problemáticas do mundo. A Figura 7, abaixo, mostra, como exemplo, o trabalho de Otto Künzli, um dos pioneiros na joalheria contemporânea.



Nesse sentido, a joia de Künzli (Figura 7) nos aproxima da formulação de Bourriaud (2009, p. 10), para quem a “atividade artística constitui não uma essência imutável, mas um jogo cujas formas, modalidades e funções evoluem conforme as épocas e os contextos sociais”. A joalheria contemporânea nos permitiria apreender (atualizar) as noções interativas e relacionais que são ativadas pela triangulação entre a peça, o corpo e o outro, presentes nessa relação. Em acordo com essa definição, “a arte é uma atividade que consiste em produzir relações com o mundo com o auxílio de signos, formas, gestos ou objetos” (p. 147), acepção muito adequada ao pensamento da joalheria contemporânea, pois o sentido é formado em referência ao corpo, signos, objetos e espectadores. Isso dito, a joia contemporânea pode ser compreendida como tendo a função de ativar as relações entre as pessoas e como vetor de reflexão do mundo. No caso dos anéis de Otto Künzli, além do emprego de um metal não nobre, o aço inoxidável, eles ligam as mãos de duas pessoas, materializando um laço que é invisível, mas bastante efetivo em termos sociológicos e simbólicos, tal como as alianças de casamento e outras joias tradicionais relacionadas a compromissos e rituais. A joia de Künzli prende os dois corpos, fazendo a ação de movimento de um reverberar no outro, uma das possíveis reflexões que esse trabalho mobiliza, o que potencializa a densidade simbólica do artefato.

Outra especificidade relevante desse tipo de joalheria é o efeito causado no espectador a partir da utilização de materiais não tradicionais à ourivesaria, o que propicia tanto a descoberta de novos materiais e/ou processos de produção em joalheria – o que também diz respeito a um contraponto em relação ao sentido mais comercial atribuído às joias tradicionais – quanto a chance de se utilizar conhecimentos técnicos de maneiras inusitadas, como podemos observar nos trabalhos de Stefan Heuser (Figuras 8 e 9), nos quais ele emprega substâncias advindas do corpo humano, como gordura e leite materno, para a construção de suas peças.

Figura 8 Stefan Heuser, *Nojento ou lindo?* Joias feitas de gordura humana. Fonte: site Focus Online. Disponível em: https://www.focus.de/kultur/kunst/kunstprojekt-hueftgoldum-de-nhals_aid_317250.html. Acesso em: 15 mar. 2022.



Figura 9 Stefan Heuser, *O colar de pérolas*. Joia feita de leite materno. Fonte: site Cargo Collective. Disponível em: <https://cargocollective.com/hegehenriksen/Stefan-Heuser>. Acesso em: 15 mar. 2022.



Analisando o trabalho de Heuser, percebemos que circundam as relações que temos com nosso próprio corpo e com as nossas expectativas sobre o que é o ideal do corpo para nossa sociedade, sobretudo quando uma das matérias-primas é obtida em clínicas de lipoaspiração. No caso do uso de leite humano, o material nos leva a questões estéticas relacionadas ao signo da amamentação. Outro ponto que merece reflexão é a adoção de fluidos corporais, principalmente por serem elementos que não enxergamos diretamente, pois estão resguardados e ocultos no interior do corpo, passando a existir simbolicamente apenas a partir de uma aproximação acurada. Ao trazer à tona a gordura humana e o leite materno, Heuser expõe partes do corpo que se transformam em joias, que, por sua vez, têm como função adornar esse mesmo corpo humano. Nesse sentido, seu trabalho ousa bastante no quesito da utilização de materiais, intrigando-nos acerca das técnicas empregadas na manipulação e na preparação das peças, inclusive nos fazendo pensar nos meios que utilizou para adquiri-los.

O campo da joalheria contemporânea tem se expandido bastante e atualmente diversas galerias e eventos se dedicam a essa vertente, sendo um dos maiores eventos a Schmuck, feira internacional que ocorre em Munique, na Alemanha. Há também plataformas digitais voltadas para a disseminação do trabalho desses criadores, como a Klimt02² de Barcelona, na Espanha, e o Núcleo,³ plataforma brasileira voltada à joalheria latino-americana, que organiza o evento Brazil Jewelry Week. No Brasil, a Galeria Alice Floriano,⁴ de Porto Alegre, destaca-se como espaço de exibição e fomento a essa expressão de joalheria.

O COLETIVO METAL FÓSSIL

A joalheria contemporânea chega à cidade de Juazeiro do Norte por meio do curso de design da UFCA através do coletivo Metal Fóssil, criado no ano de 2017 a partir do incentivo de Ana Videla, professora de joalheria do curso, e da compreensão dos joalheiros em se fortalecerem pelo trabalho em conjunto, o que, em tese, garantiria um maior volume de produção e engajamento nas ações e que permitiria o

Figura 10 Integran-
tes do coletivo Metal
Fóssil. ² Disponível em:
<https://klimt02.net/> .
Acesso em: 19/08/2021
³ Disponível em:
[https://www.nucleo-
joalheria.org/](https://www.nucleo-
joalheria.org/) . Acesso
em:19/08/2021
⁴ Disponível em: [https://
www.alicefloriano.com/](https://
www.alicefloriano.com/)
. Acesso em: 10/08/2021
Fonte: acervo pessoal
de Leo Ferreira (2017).

desenvolvimento dos trabalhos individualmente. Hoje, o grupo é formado pelos egressos do curso de design – Alan Araújo, Dayane Araújo, João Côrtes, Leonardo Ferreira e Márcia Ferreira – e por Ana Videla e Cícero Bento, mestre joalheiro concursado pela UFCA para a função de técnico, com muita experiência enquanto artífice (Figura 10).



As primeiras movimentações como coletivo surgiram um pouco antes da criação do Metal Fóssil (Figuras 11 e 12), a partir de uma proposta lançada aos alunos de utilizarem um material não convencional da ourivesaria para a produção de joias, como relata Videla (2021):

... o fato do laboratório permanecer aberto aos interessados em desenvolver trabalhos de joalheria permitiu que, em 2017, atendêssemos a uma demanda da Secretaria da Ciência, Tecnologia e Educação Superior – SECITECE e lançássemos o desafio de explorar a pedra Cariri na joalheria entre os alunos e egressos do curso. O desafio dava-se sobretudo por sabermos de antemão que o mineral, muito presente na região do Cariri, é uma rocha sedimentar pouco usada pela tradição da joalheria por ter um grau de dureza baixo

e ser pouco resistente aos impactos. O resultado do projeto foi apresentado na exposição Stone Fair Fortaleza, em julho de 2017, e, em seguida, foi apresentado em Verona, Itália, na Marmomacc, evento internacional de pedras. (Videla, 2021, p. 1-2)



Figuras 11 e 12 Pingente feito por Márcia Ferreira e anel feito por Dayane Araújo, respectivamente, ambos utilizando a pedra Cariri. Fonte: Fotos Emanoella Callou (2017).

Além dessa experiência, o projeto de extensão Laboratório de Experimentação em Joalheria seguiu estimulando a criação em grupo, com a realização de encontros regulares, nos quais se discutia textos de diversas áreas de conhecimento que abordam não somente a joalheria, mas questões relacionadas à arte contemporânea, ao corpo e aos artefatos. A produção gerada no âmbito do projeto alimentou a primeira exposição do coletivo:

Ao ofertar esta atividade de extensão, portanto, demos continuidade aos trabalhos, estimulando e refinando o processo de conceituação para o desenvolvimento de peças de joalheria contemporânea. Assim, após algumas leituras de diversas áreas do conhecimento e pesquisa na recente produção do campo da joalheria de arte, a turma passou a experimentar suas propostas e pô-las em prática no laboratório de joias da Universidade. [...] De modo que, em 2018, os trabalhos resultantes do projeto foram apresentados na exposição “Rastros Corporais”, na galeria de arte contemporânea “Sem Título Arte”, em Fortaleza. Os

Figuras 13 e 14 Cartazes de divulgação da exposição Rastros Corporais (2018). Fonte: Acervo pessoal de Leo Ferreira.

trabalhos discutiam o corpo e suas relações com o outro e o ambiente, determinado por vivências e herdado por gerações. (Videla, 2021, p. 2)

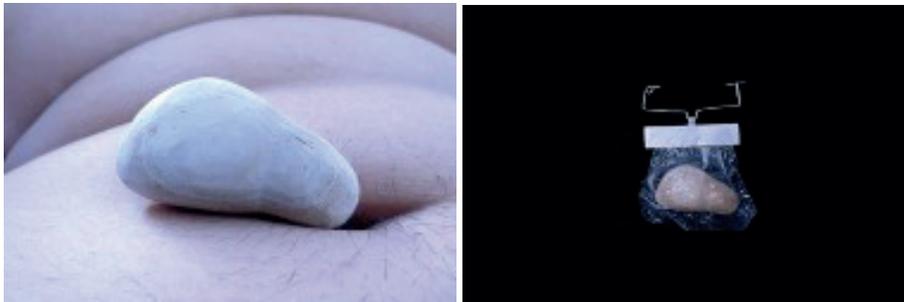
Essa exposição, que recebeu curadoria da professora Ana Videla, representa, em sua opinião, um marco importante para o coletivo e para a joalheria contemporânea em Juazeiro do Norte, pois, se já existe uma grande disputa entre os artistas visuais pela presença de suas artes nas galerias, esse desafio é maior em relação aos joalheiros. Logo, “o local de exposição teve o sentido de um posicionamento político na defesa da joalheria como uma expressão artística e, por conseguinte, pela ocupação de equipamentos culturais dedicados à arte contemporânea” (Videla, 2021, p. 4).



Dando continuidade às reflexões sobre a produção do Metal Fóssil, analisaremos as obras apresentadas na mostra, começando pelo trabalho de Alan Araújo, que reflete sobre as questões relacionadas às marcas deixadas no corpo do artista no decorrer do tempo, a exemplo das cicatrizes. Ele encara essas marcas como medalhas que são recebidas à medida que vencemos nossos desafios diários ao longo da vida.



Figuras 15 e 16 Trabalhos da série Cicatrizes, de Alan Araújo. Fonte: acervo pessoal de Alan Araújo.



No release da série, Alan explica:

O corpo é instintivo, se relaciona com o outro e o ambiente, determinado por vivências e herdado por gerações. Manifesta-se, segundo Freud, no campo do princípio do prazer. Mais primata do que poderíamos supor, o corpo toma conta dos cuidados da sua própria conservação. Nasce – cresce – reproduz – morre. Essa manutenção da sobrevivência deixa “vestígios” e são eles que serão trabalhados nesta pesquisa. Estamos em constante mudança e renovação. Saciando nossos instintos, vamos colecionando

cicatrizes. Desgostos, estrias, gorduras, gozos, rugas, sonhos, objetos, lembranças. Acumular – é o que fazemos com esse corpo. Pensando nisso, proponho a criação de objetos/joias feitos para serem acumulados, sinônimos desse viver. Peças cujas pessoas que se identificam com elas vão saber ao que se referem. Ela/Ele é quem decide se serão carregadas ou guardadas, se estarão à mostra, escondidas ou disfarçadas. Estômago, Língua e Coluna são cicatrizes minhas de meados de 2018. Trago fotos desses objetos esculpidos em pedra Cariri – constituídas de muitas camadas de tempo e histórias – sobre meu corpo representando as feridas ainda abertas. No decorrer do tempo as transformo em joias, cicatrizes, condecorações. (Alan Araújo, 2018)

Percebe-se, neste trabalho, uma nítida diferença nas configurações das peças, quando comparadas a joias que atendem à lógica racionalista do campo profissional design. Neste trabalho em específico, os objetos feitos em pedra lapidada ora ocupam o corpo do autor, ora adornam uma peça de vestuário preta, dessa vez envolvidos em um plástico fixado a um suporte de prata com alfinete. A fluidez permitida pelo deslocamento do artefato e pela circulação do objeto fotográfico derivado permite que a joia ocupe simbolicamente diferentes “corpos” em diferentes momentos, possibilitando a geração de imagens distintas relativas à interação do usuário com a peça, o que faz emergir um novo produto de reflexão ao espectador, para além do objeto em si. A dinâmica possibilitada pela fotografia de joalheria aplicada a essa imagem – mais um produto do processo da arte contemporânea – nos parece tão importante para a produção quanto as próprias peças, já que permite ao espectador diferentes leituras na interpretação do trabalho.

Outro aspecto deste trabalho diz respeito à usabilidade no corpo. Alan apresenta os objetos esculpidos em pedra junto a seu corpo, mas não nomeia necessariamente uma tipologia para eles, como broche, anel ou pingente. Apenas quando esses objetos passam a ocupar o interior do invólucro feito em plástico e metal é que

percebemos uma configuração que se aproxima de um broche.

Por sua vez, Dayane Araújo (Figura 17) desenvolve o que nomeia “joias cinéticas”, que têm como princípio usar o movimento de quem as veste para animar peças inspiradas na anatomia dos pássaros, simulando o bater de asas de uma águia ou o abrir das penas da cauda do pavão. A respeito do movimento físico e imaginário presente em suas criações, ela explica:

Na série de joias foram explorados os mecanismos e articulações para criar joias cinéticas, nas quais o movimento se dá a partir da interação com o corpo que veste. A ação e domínio da mão sobre a peça proporciona o movimento que dá vida às aves, como se fosse a alma dos objetos. Para mim, as aves são o segredo da vida, enchem meus olhos com sua beleza, me acalmam com sua melodia esplêndida e me encantam com seus mistérios e inteligência intrínseca. (Dayane Araújo, 2018)



Fonte: acervo pessoal de Dayane Araújo.

A reação de deslumbramento descrita pela autora e explorada na série de *joias cinéticas* é mencionada por Alfred Gell (20025) no ensaio “A tecnologia do encanto e o encanto da tecnologia”. No texto, ele discute como a transmutação da matéria, por meio da intervenção humana pode ir além da concepção de um espectador leigo, instaurando-se aqui a chave para a relação entre artífice e objeto, mediada

Figura 17 Múltiplas vistas do anel Águia, feito em prata 950, fios de aço e porcelana fria, por Dayane Araújo.

por uma atmosfera que Gell chama de mágica, sendo as relações sociais a dimensão onde essa mágica se insere e se torna agência. Entretanto, chamando atenção para o acúmulo de operações práticas e imaginárias que se superpõem nas expressões de materialidades, o autor afirma:

Como sistema técnico, a arte é orientada na direção da produção das consequências sociais que decorrem da produção desses objetos. O poder dos objetos de arte provém dos processos técnicos que eles personificam objetivamente: a tecnologia do encanto é fundada no encanto da tecnologia. O encanto da tecnologia é o poder que os processos técnicos têm de lançar uma fascinação sobre nós, de modo que vemos o mundo real de forma encantada. A arte, como uma classe diferente de atividade técnica, apenas leva além, por meio de uma espécie de envolvimento, o encanto que é imanente a todas as classes de atividades técnicas. (Gell, 2005, p. 45-46)

O joalheiro João Côrtes, por sua vez, desenvolveu uma série de broches em resina (Figuras 18, 19 e 20), nos quais ele utiliza vários materiais coloridos e brilhantes que considera bonitos e que trazem prazer visual. Essas joias partem, entretanto, de uma condição delicada de saúde vivenciada por ele, que lhe causa incômodo físico e insegurança no dia a dia.

Neste trabalho quis falar sobre algo que me apavora no meu corpo, convivo com a disidrose, condição que sempre me fez sentir socialmente inseguro e frustrado, por me privar de executar tarefas manuais (literalmente) e ser um gatilho para que outros demônios despertem no meu corpo; aqui eu tento tornar isso bonito, não é sobre desconstrução, é sobre como eu sempre me encontro num lugar de tentar embelezar e evitar lidar com os meus problemas, deixando que eles floresçam e criem frutos. (João Côrtes, 2018)



Figuras 18, 19 e 20 Broches sem título, de João Cortês. Fonte: acervo pessoal de João Cortês.

O material utilizado por João, a resina, permite que ele pigmente a peça e distribua livremente os materiais selecionados por ele, desenvolvendo texturas com cobre e outros

recursos, para trabalhar, de forma lúdica, a textura que se assemelha à das bolhas e feridas que a disidrose causa nas suas mãos. Vale ressaltar que ele não utilizou nenhum metal nobre nas joias desta série.

Já o trabalho apresentado por Márcia Ferreira apresenta forte ligação com a religiosidade do Juazeiro do Norte. Ela investiga os fenômenos que circundam as romarias da cidade e os costumes dos romeiros ao visitarem o local de devoção. Neste trabalho em específico, ela se inspira em um local da cidade que os visitantes acreditam ser sagrado e imantado pelo poder de livrar os fiéis dos pecados.

Sequem-se as palavras de Márcia, a respeito do Santo Sepulcro, localizado na cidade do Juazeiro do Norte – CE,

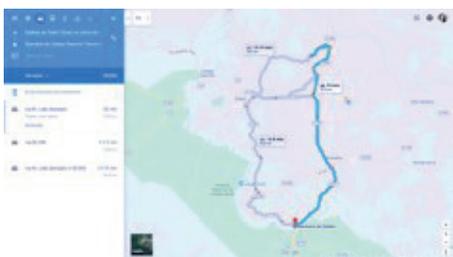
... imediações do Horto do Padre Cícero, é um espaço consagrado à devoção popular, campo pedregoso repleto de objetos devocionais, como cruzeiros e entalhes rochosos. Local de difícil acesso, é considerado um importante ponto de penitência para romeiros e visitantes. No imaginário popular, o Santo Sepulcro simboliza o local em que Jesus Cristo foi crucificado. Este espaço possui variações e tamanhos de rochas distintas, como a Pedra do Pecado, Pedra do Joelho, Pedra da Escada e a Pedra da Coluna, todas com distintas simbologias, às quais os fiéis creditam

Figuras 21 e 22 Colar
Remissão e brincos
Travessia, de Márcia
Ferreira. Fonte: acervo
pessoal Márcia Ferreira.

a remissão dos seus pecados caso consigam passar entre as lacunas rochosas ou até mesmo tocá-las. Neste intuito busquei como referência para projeção dos adornos a representação das rochas, bem como a conduta dos penitentes com os espaços. (Márcia Ferreira, 2018)

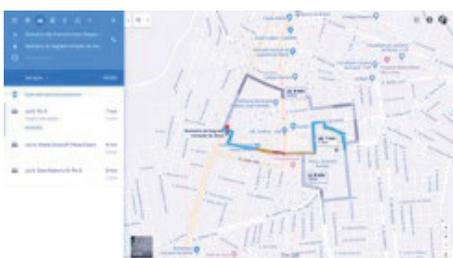


Outro trabalho significativo em sua produção, que teve início com o projeto de conclusão do Curso de Design (UFCA) e que faz dialogar a joalheria com as trajetórias desses fiéis é o projeto intitulado *Caminhos*. A série de joias foi baseada no percurso feito pelos romeiros nos principais pontos religiosos e turísticos da cidade (Fotos 23 e 24). Márcia realizou diversas entrevistas com esses visitantes e traçou, com a ajuda da ferramenta de construção de trajetos do Google Maps, o mapa dos caminhos percorridos por essas pessoas. Como resultado desse processo, a autora produziu suas peças.



Figuras 23 e 24 Trajetórias no mapa e joias da série *Caminhos*, de Márcia Ferreira.

Fonte: acervo pessoal Márcia Ferreira.



As peças de Márcia se estruturam a partir de formas minimalistas, através de um jogo de escalas que dialoga com os diversos tamanhos de pedras e passagens existentes no Santo Sepulcro, bem como com as grandes distâncias percorridas pelos devotos do Padre Cícero.

Utilizando formas geométricas e linhas e curvas, ela discute a fé dos romeiros, seus esforços e penitências, ao transitar por esses locais sagrados. Em entrevista concedida a Leonardo Ferreira, comenta ela, “essa estratégia gera certo mistério para o observador que desconhece o processo de criação dessas joias”, o que faz com que ele apreenda significados mais imediatos, ligados à forma da peça, como ocorre no episódio que Márcia relata, ao se deparar com a pergunta de sua mãe, diante de um dos anéis: “O que é isso? É uma aranha?”. A partir daí, conta ela, teve de explicar seu percurso criativo, na expectativa de que a mãe entendesse a forma desenvolvida.

Esse relato é interessante pois mostra como a forma física do objeto não o configura necessariamente como um símbolo da história que inspirou sua criação, abrindo possibilidade para outras interpretações e reiterando a materialidade da peça como um meio de agência entre pessoas, por mais que a resposta recebida pelo receptor a partir do seu índice (a joia) não seja aquela esperada pelo artista.

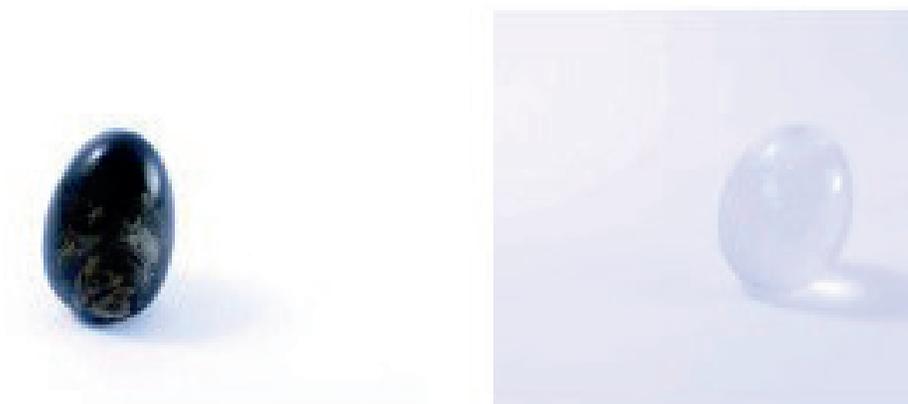
Esses aspectos são amplamente discutidos por Gell (2018) em seu livro *Arte e agência*. Por sua vez, a antropóloga Els Lagrou (2010) tece análise bastante esclarecedora da obra de Gell e exemplifica, por meio da apreciação das pinturas corporais de um determinado grupo indígena, como as configurações estéticas funcionam de maneiras diferentes nas agências geradas pelos objetos de arte:

Por exemplo, o que caracteriza a pintura corporal e facial ritualmente mais eficaz e, portanto, mais apreciada no ritual de passagem de meninos e meninas Kaxinawa é o fato de ela ser mal em vez de bem feita: as linhas grossas aplicadas com os dedos ou sabugos de milho, com rapidez e pouca precisão, permitem uma permeabilidade maior da pele à ação ritual quando comparadas com as pinturas delicadas aplicadas com finos palitos enrolados em algodão, pinturas estas que são consideradas bem feitas e esteticamente mais agradáveis e que são usadas pelos adultos nessa e em outras ocasiões. Estas representariam a roupa do cotidiano ou das festas e contrastam com a “roupagem” liminar dos neófitos por causa de sua menor suscetibilidade a processos de transformação. A apreciação valorativa não está, assim, necessariamente nos aspectos comumente considerados como padrões estéticos nativos; pode estar condensada, pelo contrário, na sua temporária distorção. A lição metodológica tirada desta constatação é a impossibilidade de isolar a forma do sentido e o sentido da capacidade agentiva; o sentido e efeito de imagens e artefatos mudam conforme o contexto em que estes se inserem. Constatamos a partir deste exemplo que a “eficácia da arte” reside na capacidade agentiva da forma, das imagens e dos objetos. A forma não precisa ser bela, nem precisa representar uma realidade além dela mesma, ela age sobre o mundo à sua maneira e surte efeitos. Deste modo, ela ajuda a fabricar o mundo no qual vivemos. (Lagrou, 2010, p. 13-14)

No trabalho apresentado por Leonardo Ferreira para a citada exposição, é investigada a figura do ovo como cápsula simbólica (Figura 25). A produção é explicada nos seguintes termos: “ao longo da história humana é possível nos depararmos com diversas histórias, religiosas ou pagãs, que envolvem o símbolo do ovo, seja para explicar o nascimento do universo ou simbolizar a renovação do corpo e da alma. Os broches em metal e madeira e os lapidados em pedra, nessa série, foram realizados a partir da insistência física em mudar o aspecto do material ‘bruto’ ao toque. O esforço e a repetição para dar forma àquele material, na busca por um significado oculto, têm relação com o movimento contrário, o de chocar e romper aquele invólucro.”

Figura 25 Broches em cobre, madeira e latão, de Leonardo Ferreira. Fonte: acervo pessoal Leonardo Ferreira.

Figura 26 Ovos lapidados em ônix e quartzo transparente, de Leonardo Ferreira. Fonte: Acervo pessoal Léo Ferreira. Fotos do autor.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após esta breve apresentação da joalheria contemporânea e da atuação do coletivo Metal Fóssil, formado por egressos do Curso de Design da Universidade Federal do Cariri (UFCA), seguem aqui algumas considerações sobre a compreensão da joalheria de arte produzida por jovens designers do Juazeiro do Norte.

Inicialmente, vale o registro da conexão da cidade com a joalheria. Para isso, é necessário recuar no tempo e resgatar o legado deixado pelo Padre Cícero (1844-1934), influente líder religioso e político da região do Cariri, para este e outros ofícios. Dado que a cidade se desenvolveu em torno da fé católica, muitos devotos chegaram ao Juazeiro do Norte na busca por realizar algum sacramento da Igreja Católica, como batismo, casamento etc. Para atender a um público crescente de romeiros, houve um fluxo de ourives para essa região, constituindo-se no local um polo joalheiro cuja intenção foi atender às demandas por peças de cunho religioso. Atualmente, a cidade apresenta um setor de joalheria bastante variado, no qual pudemos identificar, com maior evidência, três grupos: um estritamente comercial, outro caracterizado pela criação vinculada à lógica pragmática do campo do design e um terceiro mais relacionado às questões contemporâneas do mundo, de expressão artística autoral e ligado aos novos meios de criação em joalheria.

O primeiro grupo citado, composto por ourives que produzem joias em oficinas no centro da cidade, apresenta vínculo com a tradição do ofício, o que pode ser observado a partir da perpetuação de determinadas técnicas tradicionais. É exemplo disso o manejo e o aparato empregado nas peças ocas feitas na oficina de Antônio, um dos joalheiros entrevistados na pesquisa para dissertação de Mestrado de FERREIRA NETO, F. L. (2022), através do qual se percebe a intenção de preservação das oficinas como negócio de família.

Já os joalheiros egressos da UFCA realizam suas criações de acordo com os preceitos do design. Eles elaboram peças que se inserem no cenário das produções atuais expressando esteticamente o espírito deste tempo. Sem negar as dinâmicas do mercado, exploram diferentes recursos na intenção de agregar valores às joias criadas, como a fotografia, o trabalho de comunicação a partir dos meios digitais e a gestão da marca pessoal, buscando

consolidar seus nomes como criadores e materializando suas idéias por meio de conceitos e caminhos de criação diversos.

Por último, há também aqueles que produzem no campo da joalheria contemporânea, um microcosmo recente em comparação à tradição da ourivesaria e à própria consolidação do campo do design de orientação funcionalista. Essas joias, por mais que possam ser vendáveis a um público mais restrito, não são criadas com foco na comercialização, mas surgem dentro de um processo intenso de experimentação, troca de ideias e reflexão sobre as questões atuais do mundo, aproximando-se dos processos de criação na arte contemporânea, o que habilita os protagonistas a ocupar certos espaços dedicados às obras do circuito da arte contemporânea, a exemplo do coletivo Metal Fóssil, que integra profissionais egressos do curso de Design da UFCA e profissionais com outras formações em joalheria. Entretanto, as dinâmicas de experimentação, leituras e discussão envolvidas nas atividades do coletivo explicam, em parte, a autodenominação da maioria dos integrantes como criativos ou designers, poucos tendo se reconhecido como artistas.

Contatamos também que o cenário atual da joalheria na cidade de Juazeiro do Norte se apresenta bastante mais diverso, em comparação ao descrito por Alvim (1972) sobre a década de 1960, que identificou em seu trabalho um grupo de ourives tradicionais ainda organizados aos moldes das corporações de ofício, em cujas dinâmicas se objetivava a transmissão e continuidade da “arte do ouro”, repassada a jovens aprendizes, e atendendo às demandas sociais e mercadológicas à época. No contexto do estudo que deu origem ao presente trabalho, identificamos a instalação do Curso de Design de Produto da UFCA, assim como sua expansão em direção à área de joalheria e os debates sobre a dimensão cultural e simbólica dos artefatos, que foi privilegiada na formação dos integrantes do Metal Fóssil, como forte estímulo a essa diversidade. Cabe ressaltar que em 2018 o citado curso de graduação foi ampliado e, no momento atual, a especialização em ourivesaria se encontra inserida na habilitação em moda do Bacharelado em Design da UFCA. Nesse sentido, apontamos como pertinente a investigação do novo modelo de ensino que decorrerá desta nova estruturação curricular, bem como do perfil criativo dos advindos desse programa, no tempo em que surgirem as primeiras turmas formadas.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de mestrado outorgada a Francisco Leonardo Ferreira Neto durante parte do curso. Agradecemos também a todos os informantes que colaboraram com a pesquisa, compartilhando conosco suas experiências profissionais e de vida.

REFERÊNCIAS

- ALVIM, M. R. B. *A arte do ouro: um estudo sobre os ourives de Juazeiro do Norte*. 1972. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1972.
- BESTEN, L. D. *On Jewellery: a compendium of international contemporary art jewellery*. Stuttgart: Arnoldsche, 2012.
- BOURRIAUD, N. *Estética relacional*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2009.
- CAMPOS, A. P. Design e arte: aproximações através da Joalheria Contemporânea. In: 9º CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO EM DESIGN, 2012, São Paulo. *Anais [...]*. São Paulo: Unicamp, 2012. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/view/30695118/design-e-arteproximacoesatraves-da-joalheria-contemporanea>. Acesso em: 10 mar. 2022.
- FERREIRA NETO, F. L. *A joia e a arte: um estudo sobre a ourivesaria de Juazeiro do Norte*. 2022. Dissertação (Mestrado. Kátia Medeiros de Araújo (orientadora); Ana Neuza Botelho Videla (coorientadora). – Centro de Artes e Comunicação, Programa de Pós-graduação em Design, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2022. Disponível em <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/50629>.

Acesso em: 15 maio 2022.

FRANCO, E. Decifrando sinais da joalheria contemporânea. *In: I SIMPÓSIO NACIONAL DE OURIVESARIA, JOALHERIA E DESIGN*. Belo Horizonte, maio de 2017. *Anais [...]*. Belo Horizonte: 2017.

GELL, A. A tecnologia do encanto e o encanto da tecnologia. *Concinnitas – Revista do Instituto de Artes da UERJ*, Rio de Janeiro, ano 6, v. 2, n. 8, p. 40-63, 2005. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/concinnitas/article/view/55318> . Acesso em: 15 ago. 2021.

GELL, A. *Arte e agência: uma teoria antropológica*. São Paulo: Ubu, 2018.

GRIPPA, C. B; BOSAK, J. F. Joias artísticas: o caso da Bienal de São Paulo. *Visualidades*, Goiânia, [S. l.], v. 16, n. 2, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/VISUAL/article/view/48203>. Acesso em: 14 mar. 2022.

LAGROU, E. Arte ou artefato? Agência e significado nas artes indígenas. *Revista Proa*, [S. l.], v. 1, n. 2, 2010. Disponível em: https://leiaarqueologia.files.wordpress.com/2019/08/lagrou_els._2010.pdf. Acesso em: 2 dez. 2021.

MERCALDI, M. A.; MOURA, M. Definições da joia contemporânea. *ModaPalavra: e-periódico*, Santa Catarina, n. 19, p. 53-67, jan-jun. 2017. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=514054176005>. Acesso em: 22 mar. 2021.

VIDELA, A. N. B. Uma experiência de curadoria na joalheria contemporânea. *In: II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE OURIVESARIA, JOALHERIA E DESIGN*. 2021, São Paulo. *Anais [...]*. São Paulo: Blucher, v. 9. p. 123-133. Disponível em: <https://www.proceedings.blucher.com.br/article-details/uma-experiencia-decuradoria-na-joalheria-contemporanea-36819>. Acesso em: 15 dez. 2021.

SEM TÍTULO ARTE - Rastros Corporais. É hoje Joalheria Contemporânea do Cariri. 🇧🇷❤️ . Vem!!! @ Sem Título Arte. 23

ago. 2018. Facebook. Disponível: <https://www.facebook.com/sem-tituloarte/photos/pb.100067448835257.-2207520000/2153371798246099/?type=3> . Acesso em Acesso em 15 março de 2022.